

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
CURSO DE ARTES VISUAIS**

MICELLYNA LIMA DA SILVA

**ARTE, NATUREZA E INFÂNCIA:** Caminhos que se cruzam para a constituição de um sensível olhar pensante do professor e das crianças.

UBERLÂNDIA - MG

2018

MICELLYNA LIMA DA SILVA

**ARTE, NATUREZA E INFÂNCIA:** Caminhos que se cruzam para a constituição de um sensível olhar pensante do professor e das crianças.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia como requisito à obtenção do título de licenciatura e bacharel em Artes Visuais.

Orientadora: Prof. Dra. Valéria Aparecida Dias Lacerda de Resende – Faculdade de Educação, UFU.

Uberlândia, MG.

2018

MICELLYNA LIMA DA SILVA

**ARTE, NATUREZA E INFÂNCIA:** Caminhos que se cruzam para a constituição de um sensível olhar pensante do professor e das crianças.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia como requisito à obtenção do título de licenciatura e bacharel em Artes Visuais.

Orientadora: Prof. Dra. Valéria Aparecida Dias Lacerda de Resende – Faculdade de Educação, UFU.

Banca examinadora:

---

Profa. Dra. Roberta Maira de Melo

---

Profa. Jesiane Maria Fernandes de Oliveira

Uberlândia, MG  
Dezembro de 2018.

Dedico esse trabalho à Deus, à minha família, aos professores e a todas as crianças.

## **AGRADECIMENTOS**

À Deus, por seu amor e cuidados incondicionais em que tantas e contínuas vezes me cercou. Por realizar de maneira perfeita meu ingresso na Universidade, que diante de alguns percalços, parecia impossível. Enquanto muitos não acreditavam, lá estava Suas Mãos mostrando ser possível todas as coisas. Obrigada por escrever minha história. Obrigada por tantas graças... eu nem posso enumerá-las.

À minha família, minha primeira instituição, meu porto seguro, que me abraça e me acolhe, construindo diariamente comigo, laços cada vez mais intensos. Obrigada à minha mãe Maria por fazer da minha infância a melhor de todas, por ter construído o que sou hoje e que mesmo diante de dificuldades eu fui e sou feliz. Obrigada por seu exemplo de fé e determinação, por todos os seus ensinamentos e correções e muito obrigada por fazer de mim e dos “meninos” a sua prioridade. Obrigada à meus irmãos Dener, Raul e Paulo Henrique por me colocarem em constante movimento, por me ensinarem como ser uma irmã e pessoa melhor, por me ensinarem que as virtudes do amor, da paciência, da perseverança, da fé e do perdão são valiosas e devem sempre prevalecer. Obrigada ao meu pai Rodrigo, por me colocar diante da resiliência, por sua companhia nos almoços de domingo na casa da vó e por me ensinar a andar de bicicleta quando pequena, eu nunca me esqueço do senhor. Obrigada à minha vó Aurani por seus almoços no domingo e por seus crochês. E aos meus tios mais chegados, também obrigada.

À Universidade Federal de Uberlândia, toda a direção e servidores, vocês ocupam um lugar muito importante na sociedade e na minha vida. Obrigada à equipe da DIASE por ter auxiliado no processo das bolsas. Obrigada à equipe da biblioteca por sempre me ajudarem encontrar os livros nas estantes (risos). Obrigada à DIESU (Divisão de Esporte e Lazer Universitário) por incentivar o esporte entre nós e também pelas Olimpíadas. Também agradeço pela oportunidade de participar do PIBID, programa de extrema importância para o meu crescimento pessoal e profissional. Obrigada às supervisoras que me acolheram neste período, professoras Carmen e Mariza vocês fizeram a diferença. À professora Carmen deixo um terno agradecimento, por ter estendido sua aposentadoria para nos receber e nos motivar com seu amor pela educação infantil, saiba que da minha parte seu objetivo foi

alcançado. E finalmente o meu reconhecimento e agradecimento à toda equipe do Restaurante Universitário, vocês são uma benção para todos nós estudantes.

Aos professores, minha imensa gratidão por contribuírem com meu aprendizado e minha formação. Obrigada pelo esforço, amparo e dedicação de vocês. Obrigada por incutir novo significado ao nosso olhar. Obrigada à professora dra. Roberta Melo, que sempre foi mais que professora ali no curso, sua preocupação com os alunos fora da Universidade sempre foi e sempre será notória, gratidão por sua presença no meu caminhar durante o curso e fora dele. Obrigada à minha orientadora, professora dra. Valéria Lacerda, pelas brilhantes contribuições durante as duas disciplinas optativas e durante toda a orientação deste trabalho. Obrigada porque mesmo diante de um convite repentino e pertencendo à Faculdade de Educação, estendeu-me a mão nessa aventura. Por também ter um olhar sensível e ouvir minhas indecisões, orientando-as com carinho e bom humor, permitindo descobertas riquíssimas acerca do mundo da criança. E claro, muito obrigada por aumentar os prazos de entrega e pela paciência de sempre esperar.

O meu muito obrigada à professora dra. Mirian Celeste Martins pelas suas contribuições para o ensino e por tão prontamente responder aos meus e-mails, encaminhando-me seu livro, possibilitando essa leitura fantástica sobre o sensível olhar-pensante.

Aos meus amigos que fizeram minha estadia aqui mais leve e mais alegre. Em ordem alfabética, obrigada à Amanda (Marilene) que juntamente com meu irmão Raul integramos a “AeroArtes”, obrigada por construirmos um linda história cheia de risadas, apelidos e sustos também. Obrigada ao meu amigo Bruno, pelas boas partidas de xadrez e pelos “rolês improvisados” e pela compreensão durante meu TCC. Obrigada à minha amiga Miriã, (Mizinha ou Mimilika) por ser a melhor companhia em nosso curso e ser a pessoa com quem posso partilhar sobre a vida, aprendi muito com você. Aos amigos estrangeiros e de outros cursos muito obrigada pela companhia em todos os momentos, principalmente em cada almoço e jantar no R.U, bem como fora dele também. Obrigada também aos amigos que conheci através do Xadrez.

Me perdoem por não citar o nome de todos, vocês são muitos... Mas saibam que todos estão no meu coração.

Aos colegas de curso, gratidão, por contribuírem com minha formação na troca de experiências. É verdade que nem todas as discussões e embates entramos em concordância, mas isso trouxe-me mais maturidade e me ensinou a defender o que penso.

Ao Colégio Batista por me receber de braços abertos. À professora Enilce, que se lembrou de mim durante o processo seletivo de professor de Artes. À coordenadora Jesiane por ter me dado essa imensa e linda oportunidade de trabalhar com o ensino de Artes na Educação Infantil, muito obrigada pela paciência e por ter acreditado em mim, também obrigada mais uma vez por ter aceitado o convite para banca examinadora deste trabalho. Obrigada à todos os funcionários do Colégio Batista Mineiro que me ajudaram no decorrer desse caminhar. E muito obrigada à todas as crianças que a cada dia dão novo sentido ao meu olhar.

Ao sr. Cido e d. Iraci que abriram as portas de sua casa e me acolheram, permitindo minha estadia nos três primeiros meses de adaptação em Uberlândia.

Enfim, Obrigada à todas as pessoas que conheci e aos momentos que vivi, eu não seria a mesma sem vocês.

Deixo aqui então toda minha gratidão e reconhecimento de que sem Aquele que vive em mim eu nada sou e não teria o que tenho.

...Haja fôlego pra tanta emoção!

*“Do solo fez o Senhor Deus brotar toda sorte de árvores agradáveis à vista e boas para alimento ”*

*(BÍBLIA, Gênesis 2:9 a)*

*“Observai os lírios do campo (...)”*

*(BÍBLIA, Lucas 12:27 a)*



## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso visou investigar maneiras de despertar experiências sensíveis, instigando o olhar curioso e pensante das crianças. Tendo como pressuposto que se há uma relação mediadora entre o sujeito, o objeto e constituição de uma imaginação criadora por meio da observação, sobretudo pelo viés da arte e da natureza há a possibilidade de uma aprendizagem significativa para a constituição de sensível olhar-pensante da criança. Para tanto, desenvolveu-se uma pesquisa de intervenção por meio de estratégias e propostas pedagógicas realizadas pela autora a fim de refletir e aperfeiçoar sua prática educacional e desenvolver as possibilidades do gosto pela arte nas crianças. Os resultados indicam a importância do ensino da arte conjugada com a natureza na construção e constituição de um sensível olhar pensante das crianças e do professor no processo de ensino e aprendizagem na Educação Infantil.

**Palavras-chave:** Arte; Natureza; Fotografia; Sensível olhar-pensante; Criança; Propostas pedagógicas.

## **ABSTRACT**

This course completion work aimed to investigate ways to arouse sensitive experiences by instigating the curious and thoughtful look of children. Assuming that if there is a mediating relationship between the subject, the object, and the constitution of a creative imagination through observation, especially through the bias of art and nature, there is the possibility of a meaningful learning for the constitution of the sensitive thinker kid. For that, an intervention research was developed through strategies and pedagogical proposals made by the author in order to reflect and improve her educational practice and develop the possibilities of children's art taste. The results indicate the importance of art teaching combined with nature in the construction and constitution of a sensitive thinking view of children and teachers in the teaching and learning process in Early Childhood Education.

**Keywords:** Art; Nature; Photography; Sensitive looking-thinking; Child; Pedagogical proposals.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Impressão, nascer do sol - Claude Monet, 1872 .....	24
<b>Figura 2</b> - Mont Sainte Victoire - Paul Cezanne, 1904 .....	25
<b>Figura 3</b> - Fotografia de planta trepadeiras de movimento espiral.....	31
<b>Figura 4</b> - Fotografia de planta trepadeiras de movimento espiral.....	31
<b>Figura 5</b> - Fotografia de planta trepadeiras de movimento espiral.....	32
<b>Figura 6</b> - Fotografia de planta trepadeiras de movimento espiral.....	32
<b>Figura 7</b> - Flor da planta Sete-Léguas.....	37
<b>Figura 8</b> - Ipê rosa e beija-flor.....	37
<b>Figura 9</b> - Alunos do primeiro período C observando fotografias de flores.....	38
<b>Figura 10</b> - Alunos conversando com o professor Paulo Henrique, responsável pelo laboratório.....	39
<b>Figura 11</b> - A aluna Maria Luísa fazendo a observação pelo microscópio enquanto colegas se apoiam sobre a bancada para observar.....	40
<b>Figura 12</b> - Aluna Fernanda observando a imagem microscópica da flor, enquanto Gisele, sentada sobre a bancada, observa a colega.....	40
<b>Figura 13</b> - Aluno Davi observando pelo microscópio juntamente com o professor Paulo Henrique.....	41
<b>Figura 14</b> - aluna Fernanda observando pelo microscópio enquanto os olhares curiosos de seus colegas fazem também uma observação desse momento.....	41
<b>Figura 15</b> - Visão microscópica da Flor Ipê Mirim.....	42
<b>Figura 16</b> - Flor Crepe do Japão retirada do jardim da escola em visão microscópica.....	42
<b>Figura 17</b> - visão microscópica da flor Moreia .....	42
<b>Figura 18</b> - Visão microscópica dos estames da Flor Hibisco.....	43
<b>Figura 19</b> - O primeiro e segundo desenho de flor do aluno Davi.....	46
<b>Figura 20</b> - Terceiro desenho de flor do aluno Davi.....	47
<b>Figura 21</b> - O primeiro e segundo desenho de flor do aluno Gabriel.....	48
<b>Figura 22</b> - Terceiro desenho de flor do aluno Gabriel.....	48
<b>Figura 23</b> - O primeiro e segundo desenho de flor da aluna Gisele.....	49
<b>Figura 24</b> - Terceiro desenho de flor da aluna Gisele.....	50

<b>Figura 25</b> - Detalhe do terceiro desenho da aluna Gisele.....	50
<b>Figura 26</b> - O primeiro e segundo desenho de flor da aluna Maisa.....	51
<b>Figura 27</b> - Terceiro desenho de flor da aluna Maisa.....	52
<b>Figura 28</b> - Primeiro desenho de flor da aluna Maria Luisa.....	53
<b>Figura 29</b> - Segundo desenho de flor da aluna Maria Luisa.....	53
<b>Figura 30</b> - Terceiro desenho de flor da aluna Maria Luisa.....	54

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	13
<b>Capítulo I</b>	
Arte, infância e imaginação.....	20
<b>Capítulo II</b>	
Arte, Natureza e Fotografia.....	27
<b>Capítulo III</b>	
Caminhos Metodológicos: Experiências pedagógicas para constituição do olhar pensante de crianças e professora .....	35
<b>Considerações finais</b>	
“- O clips é uma linha!” .....	55
<b>Referências</b> .....	57
<b>Anexos</b> .....	59

## INTRODUÇÃO

Somos seres marcados de histórias e memórias, embebidos de experiências pessoais e culturais. No decorrer da vida, o aprender e o ensinar são uma constante relação e em cada encontro com o outro descobrimos, crescemos e ampliamos nossa bagagem de experiências. Como disse Martins (2012 p.16), o ser humano tem “seus pontos de vista impregnados de por ‘onde os pés pisam’”, sua visão de mundo carregará suas vivências, será sempre uma visão “impregnada” pelo perfume de seus encontros bons ou ruins, superficiais ou intensos. Por isso, acreditando na potencialidade desses encontros em que ao ensinar também aprendo e que o aprendiz também é ensinante, fico a perguntar se há uma melhor maneira de abastecer os sentidos e o saber sensível do outro, sobretudo da criança, alvo dessa pesquisa, por meio da arte visual, linguagem e conhecimento que escolhi como minha área de formação e atuação docente.

Entendendo que as experiências artísticas, estéticas e lúdicas contribuem para o desenvolvimento da criança, acredito ser importante pensar e refletir sobre as práticas educacionais trabalhadas nas escolas. Como fazer com que a experiência estética se torne mais rica para o observador-criança? Quais atitudes pedagógicas e artísticas poderiam reforçar e ampliar a construção de significações? Ou ainda, como contribuir com o fomento necessário para experiências que marcarão positivamente o crescimento intelectual e cultural das crianças com práticas sensíveis? Tais indagações me são necessárias, sobretudo para nortear a atuação em sala de aula, pois não basta com o que, mas também como fazer e por que fazer, investindo numa mediação mais provocativa e menos informativa na relação entre mim e as crianças.

E nesse front, entre a construção de todo meu trabalho e pesquisa, busquei responder as questões acima e sempre balizando-as nas minhas experiências durante a infância. Vivências que marcaram minha história e me formaram enquanto ser, agora atuam como uma das indicadoras do caminho a seguir juntamente com minha formação acadêmica.

A natureza, como um dos fios condutores de boa parte das propostas que tenho pensado, não surgiu apenas de uma casualidade, nem de insights e tampouco

de pesquisas que mostram o quanto ela é importante para o desenvolvimento humano, mas das experiências e memórias que também me constituem.

Embora possa parecer um relato de experiência, prossigo com relato dos encontros sensíveis que tive na infância, pois creio ser impossível compreender onde quero chegar sem contar o início. Afinal que é o fruto sem o imprescindível trabalho da raiz?

Raiz essa que é base do que sou hoje, que brota na infância nas aventuras pelo quintal de casa – e confesso que da vizinhança também. Nossos brinquedos eram natureza, crescemos rodeados de plantas medicinais e ornamentais, frutas, flores e animais de estimação. Não faltava brincadeiras, nem arranhões na pele. Junto com meus irmãos e crianças da redondeza uma verdadeira festa acontecia. Minha mãe, fazia questão de ensinar o que sabia e sem hesitar transferia à mim e meus irmãos os frutos de sua magnífica imaginação. Diante de poucos recursos, dona Maria soube melhor do que ninguém propor e criar momentos únicos, que qualquer criança gostaria de viver.

Eu descobri que era possível desenhar sobre ovos (anexo A), escrever cartas “invisíveis” usando limão e soltar bolha de sabão usando como canudo o talo da folha do mamão – vale constar que algumas dessas experiências floresceram novamente durante a graduação. Também me ensinou a romper com estereótipos, sua preferência pelo “diferente” - como a flor de quatro pétalas (anexo B) que aprendi aos seis anos de idade, sempre me estimulou a querer o que não era comum.

Assim minha mãe foi agregando ao meu mundo diversas possibilidades de brincar e criar através da observação e experiências que perpassaram minhas emoções, as quais trago vivas na memória. E por esse motivo sinto o desejo de resgatar o ensino que preze pela natureza, a brincadeira, a imaginação, criatividade e observação porque sei que elas fazem a diferença.

E além das minhas vivências de meninice, a trajetória percorrida na graduação de Artes Visuais, me levaram à educação e tenho tido cada vez mais carinho pela licenciatura. Por isso, compartilho também para fins de reflexão, algumas experiências docentes que aconteceram durante a graduação e outras no Colégio Batista, lugar de minha primeira experiência como professora.

Das oportunidades ofertadas pela Universidade, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (doravante PIBID) foi uma das experiências mais significativas que tive e de total importância para trabalhar com ensino e aprendizagem dos alunos. O Programa consiste em acompanhar um professor da educação básica, auxiliando-o dentro e fora da sala de aula cumprindo a carga horária de 20 horas semanais. As partes envolvidas são beneficiadas, o professor é auxiliado ao mesmo tempo que o graduando se aperfeiçoa em sua formação. Por dois anos e quatro meses fui bolsista em duas instituições diferentes. A primeira foi a escola municipal EMEI Prof.<sup>a</sup> Carmelita Vieira dos Santos, ficando sob a supervisão da professora de Artes Carmen Antunes de Lima, com aulas para crianças de três à seis anos de idade. A segunda foi a Escola de Educação Básica, ESEBA/ UFU sob a supervisão da professora Mariza Barbosa<sup>1</sup> com alunos do primeiro ano – sete anos.

De acordo com o regulamento do PIBID, o bolsista não podia em nenhum momento assumir as aulas do professor, mas podia-se elaborar ideias para aplicar em sala juntamente com ele e assim criar e refletir sobre práticas docentes. Pensando nesse objetivo do programa, a professora Carmen pediu, em alguns momentos, para que nós, bolsistas, pensássemos em histórias e algumas aulas para os alunos do ensino infantil e uma delas foi elaborada envolvendo o conteúdo “Linhas”, elemento que ela já havia iniciado com as crianças através de vídeos da aranha construindo a teia e também sobre instalações e outras obras de arte em que apareciam a linha.

Minha proposta foi fazermos um “Caça às aranhas” (anexo C) no jardim da escola e depois de encontradas, procuramos por teias nas árvores. Após voltarmos para sala, as crianças fizeram cada qual sua própria aranha, o corpo era construído com bolinhas de papel amassado (escultura seca) pintadas com tinta guache e as oito patas de lã colorida coladas nas laterais (conforme anexo D). Na minha concepção, essa atividade reforçaria o que tinham visto sobre as linhas, a aranha e a teia, trabalhando ainda a tridimensionalidade de uma forma lúdica, usando a natureza como meio, aguçando a observação e propondo a brincadeira.

---

<sup>1</sup> Utilizamos os nomes dos profissionais por terem participado do Edital público e assinaram como supervisoras a minha iniciação à docência nos anos de 2015 à início de 2018.



A alegria das crianças durante essa aula foi tocante, tanto que resolvi repeti-la, dessa vez como professora no Colégio Batista Mineiro, com turmas do primeiro e segundo período.

O processo foi o mesmo, com a diferença que ao final, no lugar de procurarmos pelas teias (essas já haviam sido pesquisadas em casa, juntamente com os pais), pedi para que observassem ao entorno do jardim onde haviam linhas.

E fui mediando essa observação, instigando-os através de perguntas e direcionamento do olhar que levavam à lugares ainda não percebidos por eles bem como para os detalhes que apresentassem as linhas. No decorrer de algumas aulas, fui inclusive surpreendida por alguns alunos que perceberam tal elemento onde eu não havia visto, além das linhas, alguns alunos encontraram em sementes e flores os “pontinhos”, o primeiro conteúdo de Artes que havíamos aprendido.

Considereei importante o trabalho de mediação nessa atividade, percebi que esse direcionamento fez com que o objetivo da aula fosse alcançado. Interrogações como “Olhem para essa folha, tem linhas aqui ou não”? “E o coqueiro?” faziam com que observassem antes de me responder.

Relato esta experiência pelo motivo de que nas duas escolas obtive bons resultados, ficando claro pra mim quão prazeroso e proveitoso é o ensino que enlaça arte, natureza e o brincar.

Outra experiência lúdica foi o encontro com as lembranças de minha infância dentro do PIBID por meio das aulas que envolveram a bolha de sabão gigante e aconteceram na Escola de Educação Básica, ESEBA – UFU. A princípio, a brincadeira de bolhas foi planejada para acontecer na III Semana da Arte da ESEBA em 2016, e embora tenha sido feito as experimentações necessárias, a oficina não foi realizada na data prevista devido a deflagração de greve da Universidade Federal de Uberlândia, sendo executada posteriormente em outro momento.

No início do ano letivo de 2017, foi proposto a nós bolsistas que fizéssemos um planejamento de aulas de modo a contemplar nossos interesses juntamente com a ideia inicial da professora Mariza Barbosa de se trabalhar com intervenção urbana. Durante minhas pesquisas para o planejamento encontrei o livro *História em Quadrões com a Turma da Mônica* de Maurício de Sousa e folheando me deparei com as obras *As bolas de sabão* (1867) de Édouard Manet e *Cascão e as bolas de sabão* (1999) criada pelo autor do livro. Olhando para essas obras, eu

imediatamente fui tocada pelas minhas bolhas de sabão da infância, soltadas com canudo do talo da folha de mamão. Foi um encontro entre o olhar e a memória, que ao se encontrarem subsidiaram a ideia para o planejamento a ser trabalhado com as crianças. Foram várias etapas, desde a escolha das obras de mais variadas épocas e estilos que comporiam a projeção de slides até as atividades que envolviam a brincadeira, as pinturas com espuma, e o soltar bolhas gigantes na área verde da escola (ou floresta encantada como as crianças gostavam de chamar). A intervenção urbana, movimento artístico da Arte Contemporânea foi ensinado de maneira brincante e em meio a natureza, que por sinal não atuou apenas como cenário para nossa atividade, mas ensinou a mim e as crianças o quanto ela própria interfere, participa e atua em nosso meio, pois mudanças do clima, umidade do ar, temperatura, horário do dia, são fatores que intervêm no processo de soltar as bolhas.

Estes relatos, tanto os da minha infância quanto os das experiências no PIBID ainda que de maneira resumida, mostram uma afinidade com a natureza, a arte e a brincadeira. São relatos que apontam para uma gênese e estão enraizados em meu ser, de modo que refletem atualmente em meus processos de criação e planejamento de aulas, a arte em movimento, a arte criação e constituição humana.

O privilégio de ter minha mãe como mediadora entre mim e a natureza fez a diferença na minha formação enquanto ser. E na minha concepção é concedido ao professor a mesma prerrogativa, visto que a criança passa um tempo significativo na escola. Sendo assim, para onde estamos direcionando o olhar pensante da criança ou com que se tem abastecido esse olhar?

O professor atua como um curador de imagens, conteúdos e práticas educativas a serem trabalhadas em sala de aula. Suas escolhas e sua mediação poderão despertar maior ou menor percepção estética. Por isso, considero importante uma reflexão da prática docente quanto à suas escolhas e sua mediação para com os alunos. A necessidade de reelaborar as aulas, de modo a estimular a imaginação criadora dos pequenos, usando todas as oportunidades possíveis para que desfrutem de uma aprendizagem rica e sensível, ofertadas com qualidade e de modo contínuo, balizam a elaboração deste estudo investigativo e que refere-se também ao trabalho de conclusão de curso, exigência parcial da graduação.

Para tanto, “a linguagem visual também pode ser revelada à criança através de um sensível olhar pensante (...) contudo é preciso instigar o aprendiz também para um olhar cada vez mais curioso e mais sensível às sutilezas” (MARTINS, 1998, p. 136). Refletindo também acerca da devolutiva dada pela criança como resposta ao que ela vê e aprende, esta pesquisa problematiza, questões acerca desse olhar pensante e sensível a saber: Como o docente ensina seu aluno a “ver”? Como instigar esse olhar curioso e sensível às sutilezas do cotidiano, da natureza, dos pequenos e grandes acontecimentos? Como fazer com que a experiência estética seja rica e instigadora para o observador?

Tendo como alvo aproximar respostas a estas indagações, esta investigação, a partir dos princípios da pesquisa de intervenção, buscou encontrar meios para despertar experiências sensíveis e instigar o olhar curioso e pensante das crianças. Assim, nossa hipótese é se o docente estimular a imaginação criadora e juntamente conduzir a criança à observação do seu meio, sobretudo pelo viés da arte e natureza, a aprendizagem será significativa para elas? E isso, claro, aliada à uma mediação provocativa e não apenas informativa, potencializando esse encontro sensível.

Desse modo, o objetivo geral é desenvolver e discutir algumas propostas pedagógicas para aulas de Artes que propiciem à criança vivência estética e experiências sensíveis, potencializando seu aprendizado e instigando sua imaginação criadora. Para tanto, elaboramos os seguintes objetivos específicos:

1) Pensar em práticas a serem trabalhadas em sala de aula com crianças de quatro e cinco anos, de primeiro e segundo período que abasteçam o olhar ao mesmo tempo que instigue os sentidos destes.

2) Usar imagens fotográficas como linguagem artística para instigar a curiosidade, contextualizando com a realidade cotidiana.

3) Coletar a devolutiva dos alunos, por meio da criação em sala.

4) Observar e refletir sobre esses trabalhos, analisando a questão do olhar pensante e sensível das crianças.

Para efetivar esse corpus investigativo, desenvolvemos no primeiro capítulo a importância das Artes na constituição e expressão humana, no capítulo dois, o

ensinar Artes pelo viés da Natureza e da Fotografia. No capítulo três, lançamos propostas pedagógicas a fim de refletir na elaboração estratégias que abasteçam o sensível olhar-pensante da criança. Finalizando com algumas considerações que provocam o nosso repensar docente e a formação inicial e continuada na relação dos caminhos que são possíveis percorrer para a constituição de um olhar pensante de crianças e de cada um de nós, professores das Artes Visuais, que tem em sua gênese o ver, o olhar, o sentir com a visão e por conseguinte para todos os professores que trabalham junto com as crianças pequenas que nos ensinam a ver o invisível.

## CAPÍTULO I

### ARTE, INFÂNCIA E IMAGINAÇÃO

A arte existe desde os primórdios dos tempos. Nasce de uma necessidade humana de expressar-se e “embora os primeiros artistas fossem anônimos, muito do que sabemos sobre as sociedades antigas vem da arte que nos legaram” (STRICKLAND, 2004, p. 2).

Cada ser humano tem um modo singular de perceber esse mundo e ser tocado por ele, o artista nos devolve seu modo particular de ver a realidade e nessa devolutiva compartilha fatos, fantasias, sentimentos, emoções e ideias que dialogam com toda percepção e sentidos de quem a observa. Por isso, que ao apreciar obras artísticas nos tornamos conhecedores de outras histórias, de outros tempos e outras culturas ao mesmo tempo que também somos tocados por elas e nos transformamos, aprendemos a pensar e a sentir com o outro.

Sobre essa percepção do mundo, sabemos porém, que não se trata apenas de uma representação fidedigna da realidade de um tempo ou uma cultura, mas um recorte daquilo que inquieta o artista no contexto inserido. Não copia, mas transfere para a produção artística aquilo que vê com um novo olhar. Segundo Martins, há o conceito de “ênfase e exclusão” que é de suma importância para a compreensão da representação de qualquer criança, jovem, adulto, seja artista ou não.

Quando representamos algo, sempre fazemos algum tipo de recorte, isto é, selecionamos alguns elementos aos quais damos ênfase, enquanto outros ignoramos por exclusão. Mesmo numa obra acadêmica, cuidadosamente naturalista, haverá sempre o ângulo do artista, a escolha das cores, da forma de registro – através de linhas ou massas. (MARTINS, 1998, p. 24 - 25)

Percebemos que este conceito envolve uma decisão e uma escolha. O sujeito ao se sentir sensibilizado por algo seleciona conscientemente ou não, transforma e materializa em obra seus sentimentos.

Além desse recorte, há também uma preocupação estética de como apresentar tal expressão, o criador além da linguagem artística que mais lhe agrada, escolhe os materiais, as cores, formas e dimensão, faz escolhas estéticas, assim como as que todos fazem diariamente como escolher a roupa que vai usar, o sapato

que irá comprar, a música que irá ouvir e por aí segue fazendo escolhas consecutivamente.

Considerando que a prioridade da escola nas séries iniciais da Educação Básica tem sido a alfabetização das palavras, com o objetivo de que a criança aos seis anos de idade saiba ler e escrever. Espera-se que após a escrita os conteúdos e disciplinas se tornem mais específicos e densos. Sabemos que são essenciais para o desenvolvimento da criança e devem realmente ser trabalhados. Entretanto, devemos nos questionar se a escola tem investido na área das linguagens expressivas que atravessam primordialmente as emoções, aquela que possibilita novo significado para o olhar, que permite sua expressão, estimulando a imaginação e criação. A educação escolar abre mão do ensino mecânico e repetitivo para potencializar o ensino das artes e pela Arte? Entendemos que a Arte alcança territórios que só compete à ela conquistar, porque aprender com a arte não é apenas utilizar materiais artísticos, como tinta, pinceis, giz de cera e lápis de cor, nem se restringe à desenhos iguais, reproduzidos por uma impressora e pintados com lápis de cor, implica sim, ensinar e aprender com arte. A instigar a criação e imaginação, trabalhar a subjetividade e desenvolver a leitura de imagens a partir de um pensamento crítico sobre o que se vê.

Aliás a criança cresce rodeada de imagens, seria interessante despertá-las para um olhar mais atento e curioso, que assimila o que lhes é passado, conforme Buoro (2002, p. 34) “faz-se necessária uma tomada de consciência dessa presença maciça, pois, pressionados pela grande quantidade de informação, estabelecemos com as imagens relações visuais pouco significativas”. É importante desenvolver nas crianças a questão da observação e interpretação, uma leitura de obra e de mundo.

E por meio desse olhar para o mundo, formamos nosso repertório imagético, que quando bem abastecido potencializa a imaginação, favorecendo também a atividade criadora.

Então como abastecer e enriquecer esse repertório de imagens que contribuirá para o desenvolvimento do sujeito em formação?

Se para criar é preciso imaginar, então começemos pela realidade que cerca a criança pois segundo Martins (1992, p.18), o contexto “é o ponto de partida para o imaginário”. E se a realidade é o ponto de partida, necessita-se trabalhar com a observação que levará à encontros sensíveis quanto a própria imaginação.

A observação, como uma atividade cognitivo-afetiva, implica uma atenção minuciosa que possibilita formar novos dados de conhecimento, principalmente se esse olhar estiver voltado para natureza, fonte inesgotável de aprendizagem e de sensibilidade. Buscar compreender observação como uma categoria analítica é necessário fazer menção à um termo de muito apreço: sensível olhar-pensante, expressão criada por Martins (1992) em seu livro que leva no título tal conceito: “Aprendiz da arte – trilhas do sensível olhar-pensante”. Essa autora defende a importância desse olhar fugir daquilo que é óbvio e buscar sempre pelo novo e ainda vai além, dizendo que esse sensível olhar-pensante adquire conhecimento cotidianamente, numa interação única que varia de pessoa para pessoa, que esse olhar é percepção cognoscitiva, em que a percepção vai além dos dados sensoriais. É olhar que pensa e é visão feita de interrogação. É olhar que além de pensar, reflete, sente, interpreta, avalia, um olhar que estabelece relações e vê diferenças. Esse olhar que é constante, ativo e sobretudo sensível, deve ser desafiado e instigado.

Essa exploração do mundo através do olhar é importantíssimo para construção do conhecimento em qualquer fase da vida e o homem ao longo da sua história vem lapidando o que se sabe do mundo por meio dessa observação e desse olhar atento e curioso. Grandes descobertas se fizeram pela sensibilidade do olhar

O olhar do adulto sobre o mundo, olhar que não envolve só a visão, mas cada partícula de sua individualidade, está profundamente colada a sua história, a sua cultura, ao seu tempo e ao seu momento específico de vida. Assim, o olhar sensível do homem viu a inconstância do mar. Séculos e séculos de observação o levaram a imaginar e a perceber relações entre as atrações lunares e solares com a rotação da terra. E a poder prever seu movimento, registrando-os na Tábua das marés. E a imaginar e a perceber correntes marítimas. Registrou também seu movimento em verso e prosa, em músicas, pinturas, desenhos, danças, cenas... Quantos pensamentos, quantas metáforas, quantas imagens... já nasceram do seu olhar hipnotizado pelo mar....

Olhar de cientista e de artista, olhar sensível que sabe ver mais aguçadamente, mais interessadamente, olhar que foge do óbvio e que se espanta com o que vê... Cabeça de cientista e de artista, que constrói imagens, que cria situações imaginárias, que registra suas descobertas, seus sentimentos, seu modo próprio de ver a vida, partilhando suas ideias. (MARTINS, 1992, p. 10)

Olhar sensível, que é atento, procura e encontra perguntas e respostas. Olhar científico e artístico que depois de observar, partindo da realidade experienciada, faz uso da imaginação para encontrar novas ideias e hipóteses, podendo registrar suas

interpretações e percepções vindas dessa realidade a lhe cercar, realidade observada e vivida, posteriormente trabalhada pelo imaginar.

A imaginação, como um sistema psicológico e constituinte da subjetividade humana, vai além do que vemos e apreendemos no mundo. No dicionário Aurélio (FERREIRA, 2004), encontramos a seguinte definição para imaginação, ela é: 1. Faculdade que tem o espírito de imaginar; fantasia. 2. Faculdade de criar mediante a combinação de ideias. 3. A coisa imaginada. 4. Criação, invenção, ideia. 5. Fantasia, devaneio.

Para Vygostky (2012, p.12), o conceito de imaginação é dividido em duas maneiras, a primeira se refere à reprodução e está ligada à memória (imaginação reprodutiva) e a segunda seria aquela relacionada à criação e que ultrapassa a própria memória (imaginação criativa) e que ambas as formas de imaginar acontecem simultaneamente no desenvolvimento intelectual da criança e que é estruturada a partir das relações quantitativas e qualitativas das imagens mentais. Ou seja, a quantidade e a qualidade de imagens contribuirá para melhor imaginação que poderá ser desenvolvida de forma memorável, quando a criança lembrar de forma fidedigna o que viu, ou criada, fantasiando uma ideia que nasceu à partir da junção de várias outras referências, criando algo novo. Vê-se aqui a importância de banhar o universo infantil com imagens e experiências de qualidade que contribuam para afloração dessa imaginação. E como já referido em relação às imagens, não basta lançá-las, é preciso ter um significado, fazendo uma leitura para que se tenha sentido para aquele que a observa, estimulando a interpretação e leitura de mundo, fazê-los ver e sentir.

Tudo o que temos hoje no mundo, realizado pelo homem, antes de ser concebido passou pelo campo da imaginação. O homem imaginou possibilidades, as idealizou, as criou para depois as materializarem. Imaginar é uma atividade propulsora, estimula o progresso, é “sensível ao novo, a imaginação é também uma dimensão em que a criança vislumbra coisas novas, pressente ou esboça futuros possíveis” (GIRARDELLO, 2011. p. 76).

Na teoria, a importância da imaginação na infância está se tornando cada vez mais consciente pelos estudiosos. Mas é preciso que ela aconteça verdadeiramente, sobretudo na escola, pelos profissionais da educação, talvez não apenas trabalhada mas também compreendida, pois muitas vezes a lentidão ou a “distração” dos alunos é condenada e reprimida. É preciso enxergá-la como função primordial e



intelectual ao invés de separá-la das demais funções. A imaginação não se separa da razão, nem da emoção. Seus frutos são de aspectos estéticos e científicos.

Frangé, define a imaginação como o que está além do real e cita o exemplo de dois artistas, um do momento impressionista e outro do pós-impressionismo:

Monet e Cézanne viram coisas que eles não podiam ver. Eles usaram suas imaginações para descobrir caminhos da pintura que eles viram como possibilidades e caminhos para ricos desenvolvimentos de suas experiências visuais. Como eles tiveram a coragem e aceitaram os desafios – imaginaram – traçaram seus caminhos imaginários. (FRANGE, 1995, p. 58)

Tiveram suas percepções advindas de observarem a incidência da luz sobre a paisagem e os objetos, então, guiados por suas sensações imaginaram uma forma de transpor tais cenas sobre telas, não mais com técnicas e gradações convencionais, mas usando um efeito chamado “mistura-ótica”, que consistia em pinceladas “quebradas”, em tons diferentes que se misturavam a distância. Imaginavam o vislumbre que viam em pinceladas que dariam a “impressão” daquele breve momento. Esses artistas perseguiram suas ideias, foram onde a imaginação os levaram - fruto de uma observação sensível. A seguir, na figura 1, uma das obras de Monet que deu início ao Impressionismo e seguindo na figura 2 uma das pinturas de Cézanne.

**Figura 1** – Impressão, nascer do sol - Claude Monet, 1872.



Fonte - disponível em: <http://warburg.chaa-unicamp.com.br/artistas/view/235> - acessado em setembro de 2018.

**Figura 2** – Mont Sainte – Victoire – Paul Cezanne, 1904.



Fonte- disponível em: <http://warburg.chaa-unicamp.com.br/obras/view/4392> - acessado em setembro de 2018.

Quando imaginamos, pensamos por imagem. Pensamos em coisas nem sempre possíveis na realidade, mas possíveis no campo da imaginação, a partir do que observamos, podemos criar e reinventar. Sobre essa realidade, quanto mais se observa, mais profundas serão as percepções, tão importantes para a formação do ser humano não importando a idade.

Assim como há a apropriação da escrita das palavras, nossas crianças também deveriam passar pela apropriação do olhar sensível através de práticas educativas e significativas para ampliar o olhar pensante, aprender através das imagens, vendo, analisando, contemplando, aumentando também o seu repertório iconográfico.

Além disso, a organização espacial trabalhada com a criança, contribuirá favoravelmente na alfabetização da escrita como nos revela Martins:

Através de um processo natural de desenvolvimento, a partir de seu próprio trabalho, a criança vai organizando suas formas, seus espaços, chegando a construção da linha de base. Sobre ela a casa, a árvore, todo o seu mundo. As vezes esta linha coincide com a própria margem do papel, as vezes ela não aparece visivelmente, mas a ordenação espacial que ela indica é sumamente importante para a aprendizagem da escrita. (MARTINS, 1992, p. 27)

Um cordão dobrado não se rompe tão facilmente<sup>2</sup>, se caminhassem juntas, as duas alfabetizações (a do olhar e a da escrita) teríamos um ensino mais enriquecido tanto no âmbito escolar, quanto para a vida toda.

A leitura de mundo precede a palavra dizia Paulo freire, a arte em sala de aula, nos permite trabalhar com todos os sentidos do aluno, tanto o lado racional quanto o emocional, a observação, percepção, imaginação, criação, emoção e sensibilidade. É uma aliada que permite cruzar vários caminhos do conhecimento, inclusive com outras disciplinas escolares.

E para que se observe é preciso ter o que ver, buscar por si próprio ou ter alguém que abra novos caminhos, que aponte e instigue esse olhar. É um desafio portanto, refletirmos na prática pedagógica dentro das salas de aula. O quanto o professor tem contribuído e “alimentado” esse olhar, em quais recursos tem apostado o campo das Artes - área em que lidamos com a subjetividade, expressão, imaginação e criação que vem como canal que estabelece a comunicação desse olhar-pensante e abrigo para essa atividade criadora. Imaginação, inteligência e sensibilidade precisam se desenvolver juntas.

---

<sup>2</sup> Expressão usada de forma resumida, fazendo referência à um versículo bíblico encontrado no Livro de Eclesiastes, capítulo 4, versículo 12, parte b, que na sua forma íntegra diz: “(...) o cordão de três dobras não se rebenta com facilidade”.

## **CAPÍTULO II: ARTE, NATUREZA E FOTOGRAFIA**

Observemos a natureza. Nela encontramos as fontes da vida tão necessárias para nossa sobrevivência. O ar, a água, as vitaminas que precisamos estão presentes nos alimentos e até mesmo no sol (que além da fonte de luz e calor, é responsável pela produção de vitamina D em nosso organismo). A matéria prima para cada construção humana provém da natureza. Somos seres totalmente dependentes dessa magnificência. É inerente do ser humano necessitá-la.

Dentro do cotidiano escolar, qual o espaço que a natureza ocupa na vida das crianças? Muitas são as políticas de preservação do meio ambiente, mas porque pais, filhos e profissionais não usufruem com maior frequência do que defendem?

A natureza não deve ser apenas preservada, mas deve também ser vivida e inserida no cotidiano humano, sobretudo das crianças, dentro e fora das escolas. Pois ela é um meio que desperta curiosidade e proporciona ricas descobertas, além do que já foi mencionado no capítulo anterior sobre a observação dessa natureza e o desenvolvimento da sensibilidade e imaginação.

Quando em contato com a natureza os sentidos são trabalhados simultaneamente. Enquanto o canto de um pássaro é percebido pelo ouvido, os olhos captam todas as cores, formas e movimento de tudo que está a sua volta, o cheiro desse ambiente é percebido pelo nariz e se degusto uma fruta vinda direto da árvore, o paladar também é ativado. Algumas atividades, se realizadas com regularidade ao ar livre podem inclusive combater problemas que estão cada vez mais presentes na infância, como obesidade, falta de atenção, concentração, paciência e equilíbrio. Ao observar um fato com critério, como notar o comportamento de um inseto ou o crescimento de uma planta, a atenção da criança é estimulada, aumentando, assim, o seu foco sobre determinado acontecimento. Dependendo da faixa etária, algumas atividades devem ser executadas com auxílio de adultos, subir em árvores por exemplo pode ajudar no desenvolvimento do equilíbrio, coordenação motora e segurança que são inclusive capacidades físicas necessárias para toda a vida.

A paciência pode ser trabalhada com uma pescaria juntamente com a família desenvolvendo também a interação social. Enfim, estes são apenas alguns

pequenos exemplos da atuação da criança no meio natural e o quanto a percepção pode ser desenvolvida num todo, sensorialmente, fisicamente e espacialmente.

Estar em contato com a natureza também nos coloca diante de uma grandeza que por mais que a imaginação faça tentativas, jamais poderá mensurar. A natureza atua no mundo das crianças como ampliadora de horizontes, é um desafio tirá-las da zona de conforto e dos aparelhos eletrônicos, revelando à elas esse mundo a se deslumbrar, saindo do cotidiano limitado e materialista dando a oportunidade de se maravilharem, percebendo que essa fonte essencial de vida é infinita, bela e sublime.

E não é preciso ir a um jardim botânico ou ir à lugares muito distantes. Essas experiências podem acontecer na praça do bairro, no jardim mais próximo da casa ou da escola. O importante é que esse encontro seja permitido e não bloqueado, que a criança sinta e viva no seu cotidiano essa natureza, presente muitas vezes nos filhotes de passarinhos sendo alimentados no ninho, nas gotas de chuva que escorrem pelas folhas ou de uma poça sobre o cimento, não importando a quantidade, mas a vivência contínua e frequente. Pois se a criança não tem acesso à essa natureza, como vamos sensibilizá-las para cuidá-la e apreciá-la?

Esse desafio não consiste apenas em levar as crianças até a natureza, mas em permitir que essas vivências aconteçam. O ambiente natural é visto em alguns casos como problema, sujeira e até perigo. Se a criança está brincando é comum ouvirmos os pais ou responsáveis dizendo “não vá para a terra”, ou “cuidado para não se sujar” (já se atentou de que a terra pode ser um pigmento e não uma sujeira?). O problema não está na advertência, porque ela se faz necessária e a criança precisa tanto de cuidados quanto da autoridade dos pais, no entanto, é preciso refletir sobre a forma dita, pois a criança pode associar os “não vá” ou “não pode” como algo que não é bom e vir a ser um impedimento dela se envolver com a natureza. Além disso, pais são exemplos, eles também têm de usufruir dessa natureza que é benéfica para todos, não importando a idade.

Recentemente, pesquisando sobre a importância da natureza no desenvolvimento infantil, encontrei uma entrevista no site de compartilhamento de vídeos, o termo “síndrome de déficit de natureza”, criado por Richard Louv em seu livro *A Última Criança na Natureza*. Tal “síndrome” não se trata de um diagnóstico médico, mas de um termo linguístico que descreve a sensação de desconexão com a natureza e seus impactos negativos sobre a saúde física e mental das crianças.

Tais apontamentos podem ser transformados se mudanças de comportamento e pensamento acontecerem tanto no âmbito familiar, quanto no escolar.

As escolas também podem contribuir com o elo criança e natureza. Docentes poderiam elaborar em seus planejamentos, atividades pedagógicas que compensassem o tempo ocupado com jogos ou brincadeiras virtuais. Deslocar as crianças da sala de aula para ambientes fora dela não é tarefa fácil, é possível que tal ideia proporcione desconforto em alguns professores, alguns motivos podem ser pela desobediência de alguns alunos, medo de as crianças correrem e machucarem, entre outros receios que devemos superar.

Além disso, para levá-los à espaços verdes, é preciso tê-los. Assim é importante que a gestão escolar invista no paisagismo e que ele não seja apenas decorativo, mas um ponto acessível a todos, um espaço aberto que promova interação e permita a vivência entre alunos, pais e funcionários. Até porque,

(...) as áreas naturais, em um primeiro momento, são primordialmente consideradas redutores do estresse resultante da permanência em ambientes fechados. Acresce-se que o contato com elementos naturais nas dependências da escola parece contribuir decisivamente para a saúde, para um desenvolvimento integral, além de se constituir em experiência, cuja percepção individual faz-se única e enriquecedora. (HARA; PINTO, 2009, p.2)

Como notamos, essa natureza nos entornos da escola atua também como válvula de escape para os alunos que passam a maioria do tempo dentro das salas de aulas.

Mas é possível, sobretudo em grandes centros urbanos, que haja alguma dificuldade em se ter acesso à espaços de áreas verdes. Este é também um grande desafio a ser vencido e é preciso reivindicações para se conquistar esse espaço ou estratégias que levem essa natureza para dentro da escola ainda que de maneira parcial.

Para essas crianças que não têm oportunidade de vivenciar a natureza em sua essência, o educador pode criar um “ambiente”; com muito cuidado e dedicação, ele pode coletar elementos, separá-los, oferecer, de um jeito bonito, um pouco da natureza para seus alunos, iniciando, assim, uma viagem mágica às cores, às texturas, às formas extraídas de árvores, cascas, terra, frutos, sementes... (LUNA; BISCA, 2003, p.132).

Essa ideia de levar “pedacinhos” de natureza para a sala de aula, também pode acontecer em outro contexto que não apenas na ausência de áreas verdes na escola. Para alcançar o objetivo de despertar a curiosidade, desenvolvendo, a

observação e proporcionando descobertas através do meio natural, o professor pode e deve ir além do que se tem acessível em seu meio de trabalho.

Não teremos todos os tipos de animais, flores e vegetação disponíveis em um mesmo e único espaço e que dependendo da motivação a ser trabalhada, o deslocamento ficaria inviável (como um projeto com temática marítima por exemplo). Mas aos lugares que não podemos levar nossas crianças, uma alternativa para se trabalhar com os alunos o conteúdo almejado, mas impossibilitado, seria pensar em uma produção fotográfica.

Tal ação se fez necessária durante meu planejamento de aulas em que eu precisava apresentar aos alunos do primeiro e segundo períodos do Colégio Batista Mineiro, o movimento espiral produzido por cipós e trepadeiras. Por não haver essas espécies no colégio, foi preciso uma busca para descobrir onde existiam e então fazer o registro fotográfico, para uma futura leitura dessa imagem.

Para título de esclarecimento sobre meus objetivos com essa motivação, compartilho a gênese dessa ideia, que nasceu de observar e escutar as crianças durante uma oficina de pipa ofertada na semana do dia das crianças dentro das imediações do próprio colégio.

Durante a preparação do material, considerando o curto tempo para realizar a oficina, bem como a faixa etária das crianças que variavam entre maternas (dois e três anos) e primeiros e segundos períodos (quatro e cinco anos - alguns alunos com seis anos), deixei os papéis dobrados e furados, assim como a linha cortada e enrolada em um pedaço retangular de papelão em substituição ao carretel. Houve uma previsibilidade da minha parte quanto ao movimentar dessa linha pelas crianças dos maternas, supus que seria mais difícil desenrolar e levantar a pipa. Porém para minha grande surpresa essa não foi uma dificuldade apenas dos menores, crianças do primeiro e segundo período apresentaram embaraço na coordenação motora tanto para desenrolar, quanto para enrolar a linha novamente e por várias vezes nos pediam ajuda para tal momento. Vi algumas crianças inclusive “soltando” a pipa com a linha curta por não conseguir desenrolá-la.

Isso me intrigou muito, pois na minha concepção apenas os pequenos não conseguiriam, então pensei em como trabalhar essa dificuldade com eles.

Foi então que veio a ideia de procurar por esse movimento do enrolar e desenrolar (movimento espiral) na natureza e me lembrei dos cipós e trepadeiras. Pensei logo na fotografia como intermediadora dessa experiência, para propiciar a

construção de conhecimento através de imagens, fazendo uso da “fotografia como objeto de investigação e análise” (LOPES, 2003, p. 75).

Visitei então o Parque do Sabiá e durante uma manhã fiz alguns registros, gostaria de ter encontrado outros tipos de plantas que eu trazia na memória, mas por não saber onde encontrá-las e também pelo fator tempo eu me restringi apenas às do parque, selecionei então quatro fotos (ver figura 3,4,5 e 6) que me foram oportunas para o que pretendia.

**Figura 3 e figura 4** – Respectivamente da esquerda para direita, fotografias de plantas trepadeiras de movimento espiral.



Fonte: Acervo pessoal. Foto: Micellyna Lima



Fonte: Acervo pessoal. Foto: Micellyna Lima



**Figura 5** - Fotografia de planta trepadeiras de movimento espiral.



Fonte: Acervo pessoal. Foto: Micellyna Lima

**Figura 6** - Fotografia de planta trepadeira de movimento espiral.



Fonte: Acervo pessoal. Foto: Micellyna Lima

Com as fotos impressas em tamanho aproximado de 20 x 25 cm levei-as para sala de aula e fizemos observação dessas imagens, fomos conversando a respeito do lugar que as plantas estavam, o que elas tinham em comum, como elas se desenvolviam e qual movimento elas faziam para crescer e fomos chegando nas demonstrações com nossos braços e mãos, simulando o movimento espiral. Em seguida, peguei um pedaço de barbante colorido e o enrolei em um palito de churrasco, pensando na atividade que eles fariam. Eles complementaríamos uma flor de papel colada em um palito que estava guardada (a Flor da Verdade como a chamamos, foi confeccionada após uma história e tingida com as cores primárias e/ou secundárias conteúdo trabalhado com essa flor de papel).

Pensando na natureza e no que havíamos observado nas fotografias, eu recolhi galhos de árvores da própria escola para agregar ao palito de churrasco que sustentava a flor e com lã de cores primárias enrolamos fazendo o movimento em questão, o espiral.

Este trabalho partiu das indagações, do não conhecimento, da não experiência das crianças e, por isso, senti a necessidade de intervir com essa atividade que enlaça Artes Visuais e natureza, fotografia e leitura de mundo. Envolveu o apreciar, juntamente com a contextualização da realidade das crianças se concretizando no fazer, três eixos apontados pela abordagem triangular de Ana Mae Barbosa que articula “as dimensões da leitura das produções do campo da arte, sua produção e contextualização” (COUTINHO, 2009 p. 173).

Especificamente neste caso sai em trabalho de campo para registrar o pretendido, meu olhar estava direcionado para essa temática. Porém, o uso da fotografia nas aulas de Artes poderá se dar a partir de fotos pensadas por outros olhares que não apenas o meu. Fotos que pertencem à algum acervo e que contribuirão para o ensino em sala. Também não será o único meio, minha intenção ao usá-la como recurso pedagógico é a de mostrar sua potência na construção de uma narrativa visual, perscrutando o mundo com o olhar, sendo uma aliada no processo de ensino e aprendizagem.

Lançando o olhar sobre uma fotografia, o observador se depara com o recorte da realidade, não um todo de determinado ambiente, mas uma parte que servirá para dialogar e refletir sobre a própria realidade.

Fotografia e natureza são um dos caminhos pelos quais podemos apresentar esse mundo para as crianças, permitindo encontros sensíveis que fomentem seu conhecimento e sua imaginação... contribuições da Arte.

### **CAPÍTULO III:**

## **CAMINHOS METODOLÓGICOS: EXPERIÊNCIAS PEDAGÓGICAS PARA CONSTITUIÇÃO DO OLHAR PENSAnte DE CRIANÇAS E PROFESSORA.**

Pensando na problematização deste trabalho acerca de como o docente ensina seu aluno a “ver” e quais meios podemos usar para instigar o olhar da criança para grandes e pequenos acontecimentos, voltando-os para as sutilezas do cotidiano e da natureza, bem como a hipótese de que se o docente conduzir o olhar do aluno pelo viés da arte e da natureza, seu aprendizado acontecerá de forma atraente e significativa, fez-se necessário uma pesquisa que fosse além da coleta e análise de dados, mas que propiciassem transformações nos sujeitos envolvidos, professor-alunos.

Para isto, houve necessidade de interferir no contexto pesquisado para descoberta da problematização e, por isso, optamos pela pesquisa de intervenção, onde o pesquisador atua desde o planejamento até a execução, mantendo uma interação direta com o objeto pesquisado e nesse envolvimento intervém na realidade social dos envolvidos.

As principais características da pesquisa intervenção são:

1º Deve acontecer dentro do contexto pesquisado; 2º É desencadeada pela demanda, contribuindo na solução de problemas; 3º O pesquisador atua como mediador que articula, organiza encontros, sistematiza vozes e saberes produzidos pelos sujeitos da pesquisa, agindo num processo de escuta ativa; 4º Interação entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa; 5º As Experiências cotidianas e práticas do coletivo sistematizadas, permitem descobertas e considerações teórico-metodológicas; (OLIVEIRA, 2017, p. 9 ).

O fato de a pesquisa acontecer dentro do contexto pesquisado, permite uma assistência por parte do pesquisador e sua intervenção se dá de acordo com a necessidade dos sujeitos envolvidos em pesquisa. Numa tentativa da mediação que organiza e permite os encontros entre objeto e sujeito e mudanças no objeto pesquisado e nos sujeitos envolvidos. Assim, a pesquisa de intervenção, enquanto pesquisa qualitativa que estuda experiências individuais e subjetivas, de caráter exploratório e não numérico se faz necessária para responder minhas questões.

Partindo do que já foi discutido acerca da importância do ensino de Artes, natureza e infância, para refletir sobre os “encontros que exigem atitudes pedagógicas que podem reforçar e instigar a construção de significações.” (Martins, 2012, p.13) apresento as ações de intervenção<sup>3</sup> junto aos meus alunos<sup>4</sup>.

Toda criança é curiosa, instigá-las à observação e à descoberta de uma forma mais provocativa e menos informativa contribui para um melhor aprendizado e potencializa os encontros sensíveis com o meio. Mas para que a mediação aconteça é preciso também sermos proponentes de experiências que proporcionem tais encontros, experiências onde o sensível olhar-pensante possa fluir, refletir e ser tocado pelo que vê. Penso que para o educador é um grande desafio elaborar plano de aula que contemple essa proposta, mas é preciso esforçar-se.

Como já mencionado no início deste trabalho, estamos imersos numa saturação imagética, por isso em uma tentativa de fomentar o olhar da criança usando imagens que venham contribuir com seu desenvolvimento, vindo para somar e não apenas cumular, elaborei algumas aulas com foco na observação e leitura de imagens através de fotografias, imagens microscópicas e sensibilização tátil pelo viés da arte e natureza com alunos do primeiro e segundo período do Colégio Batista, como ferramentas para a coleta de dados e análise. Considerando as especificidades da pesquisa intervenção, buscamos trazer os registros e análises dos dados de forma integrada para aproximar e atender os objetivos propostos.

Assim, se fez necessário, escolher uma turma, selecionei então o primeiro período C, uma turma do horário vespertino com total de 22 alunos numa faixa etária em transição dos quatro para os cinco anos.

Este trabalho trata-se do desenho da flor. Para isto, foi entregue uma folha de papel apergaminhado A3 para todas as crianças, em seguida pedi que dobrassem-na ao meio e sobre a primeira parte da folha desenhassem uma flor da maneira que sabiam fazer. Pedi também para que colocassem o nome e o número “um” para

---

<sup>3</sup> Foi pedida a permissão da coordenadora do Ensino Infantil, Jesiane Oliveira, para trabalhar com os alunos, atividades que comporiam esta pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso. Tanto o pedido quanto a autorização aconteceram de forma oralizada.

<sup>4</sup> As fotografias dos alunos apresentadas neste trabalho já foram compartilhadas em um perfil de rede social (Facebook) criado para postagens das atividades realizadas com os alunos durante o ano letivo. Só é permitido postagens nesse perfil da turma, a foto de crianças autorizadas pelos pais ou responsáveis, o que justifica portanto, minha liberdade de usá-las para fim acadêmico, de estudo e pesquisa.

futura análise desse desenho (a escolha pelo tema floral foi devido à estação da Primavera, que chegaria depois de um mês a contar da data de início desse trabalho)

O próximo passo seria fazer a leitura de imagem de duas fotografias, tiradas por mim (figuras 7 e 8).

**Figura 7** – Flor da planta Sete-Léguas.



Fonte: Acervo pessoal. Foto: Micellyna Lima

**Figura 8:** Ipê rosa e beija-flor.



Fonte: Acervo pessoal. Foto: Micellyna Lima

Cada foto media 20 x 30 cm e coladas à um paspatour de papel foram postas sobre o quadro branco na altura dos olhos das crianças (ver figura 9). A primeira (figura 7), era uma flor cor-de-rosa de uma espécie chamada Sete-Léguas encontrada no Centro de Convivência da Universidade, trazia em si uma formiga e elementos visuais já estudado pelos alunos – como a linha. A segunda fotografia é de um ipê florido também cor-de-rosa encontrado nas minhas andanças ao redor da UFU e trazia no centro por entre os galhos um beija-flor. A escolha por essas fotos partiu de dois fatores: o primeiro é a escolha pelo tema floral e o segundo porque ambas as fotografias aparecem animais que eu já havia trabalhado com eles, a formiga e o beija-flor.

Durante a mediação, minhas perguntas se dirigiam para uma leitura um tanto descritiva para que se dedicassem em observar os detalhes. Algumas das perguntas foram “O que você está vendo”, “quais as cores das flores”, “será que são as mesmas?” “Está dia ou noite?” “Como dá pra saber, aparece o sol?” “O que mais tem além das flores e galhos?” “O beija-flor está de frente ou de lado?” está última pergunta deu abertura para trabalharmos a questão do ângulo em que foi tirada e da posição em que a fotógrafa estava, bem como a possível altura, distância, e posição do meu corpo para conseguir a fotografia.

**Figura 9** – alunos do primeiro período C observando as fotografias.



Fonte: Acervo pessoal. Foto: Micellyna Lima

E após essas e outras perguntas, pedi para que fizessem o segundo desenho ao lado do primeiro. Enquanto desenhavam eu fazia a mediação, orientando-os quanto à composição da fotografia e o espaço em branco do papel atentando-os aos detalhes e elementos que apareciam na imagem que haviam visto.

Terminado esta etapa, recolhi os trabalhos e na aula seguinte dei continuidade levando-os ao laboratório de Biologia do colégio (figuras 10, 11, 12, 13 e 14) para observação no microscópio de quatro espécies de flores (figuras 15,16,17 e 18). O intuito era fazer com que esse sensível olhar-pensante percebesse a quantidade de detalhes que não podemos enxergar a olho nu, bem como apreciar um outro tipo de imagem que não apenas o da fotografia, nem a do cotidiano, conciliando desta forma a Arte, Natureza e a Ciência. Compartilho a seguir, algumas fotos da visita no laboratório, com o intuito de banhar o sensível olhar-pensante do leitor.

**Figura 10** – Alunos do Primeiro período C, conversando com o professor Paulo Henrique, responsável pelo laboratório.



Fonte: arquivo pessoal. Foto: Micellyna Lima



**Figura 11**– A aluna Maria Luísa fazendo a observação pelo microscópio de uma parte da flor Ipê – Mirim, enquanto colegas se apoiam sobre a bancada para observar.



Fonte: arquivo pessoal. Foto: Beatriz Carvalho

**Figura 12** – No microscópio a aluna Fernanda observa a imagem microscópica da flor, enquanto Gisele do meu lado, sentada sobre a bancada, observa a colega.



Fonte: arquivo pessoal. Foto: Beatriz Carvalho

**Figura 13** – O aluno Davi Quintal juntamente com o professor Paulo Henrique.



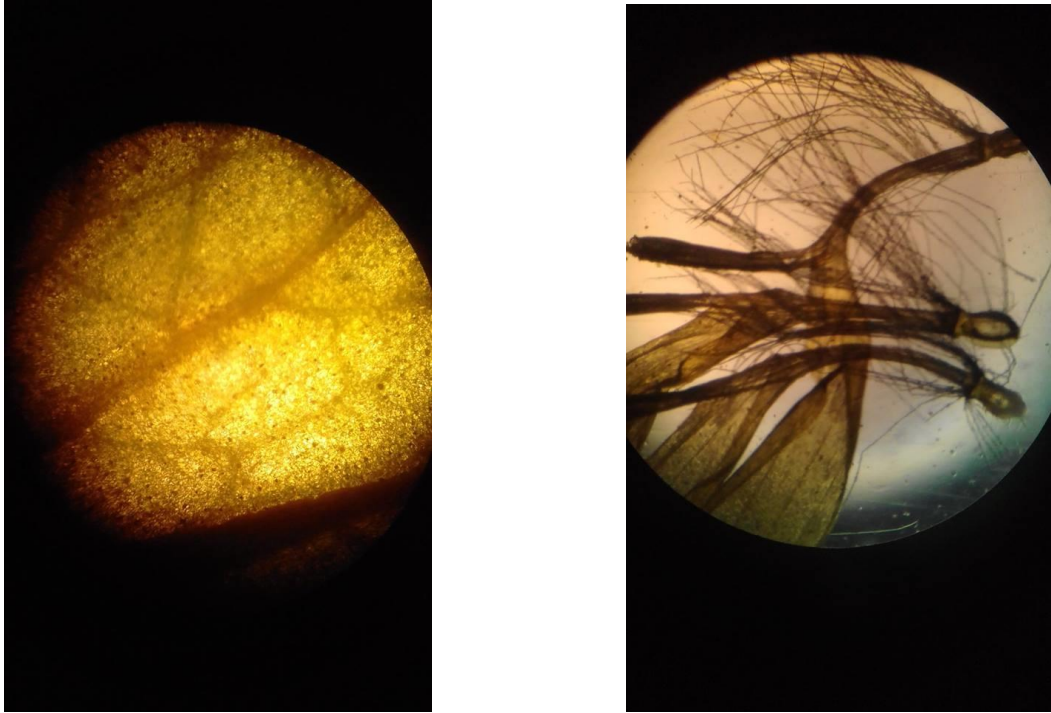
Fonte: arquivo pessoal. Foto: Beatriz Carvalho

**Figura 14** – A aluna Fernanda observando o microscópio enquanto os olhares curiosos de seus colegas fazem também uma observação desse momento.



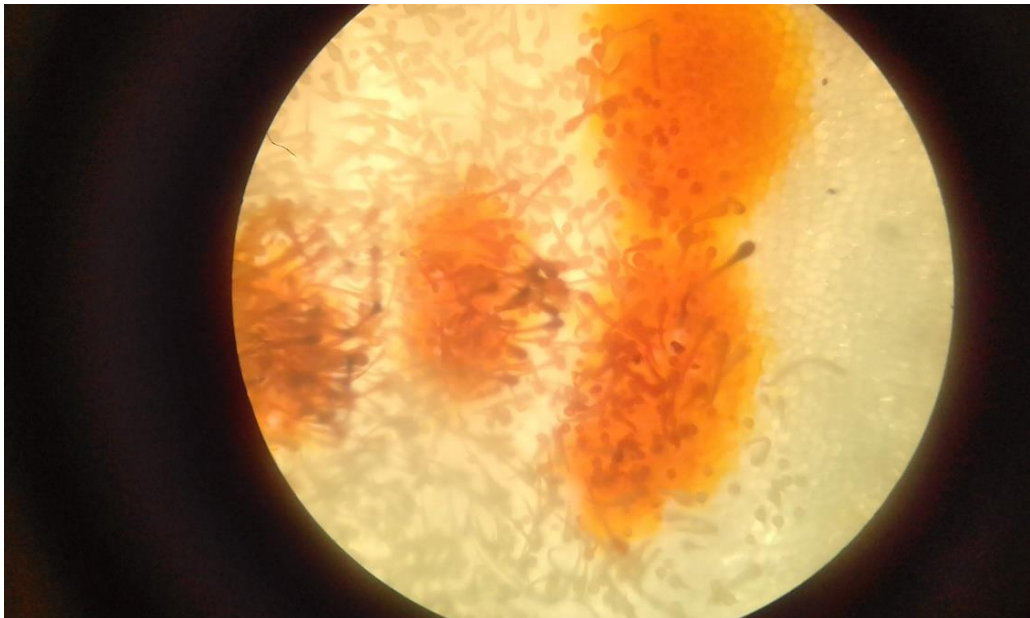
Fonte: arquivo pessoal. Foto: Beatriz Carvalho

**Figuras 15 e 16** – Respectivamente da esquerda para direita. Detalhe da Flor Ipê-Mirim e Flor Crepe do Japão retirada do jardim da escola em visão microscópica.



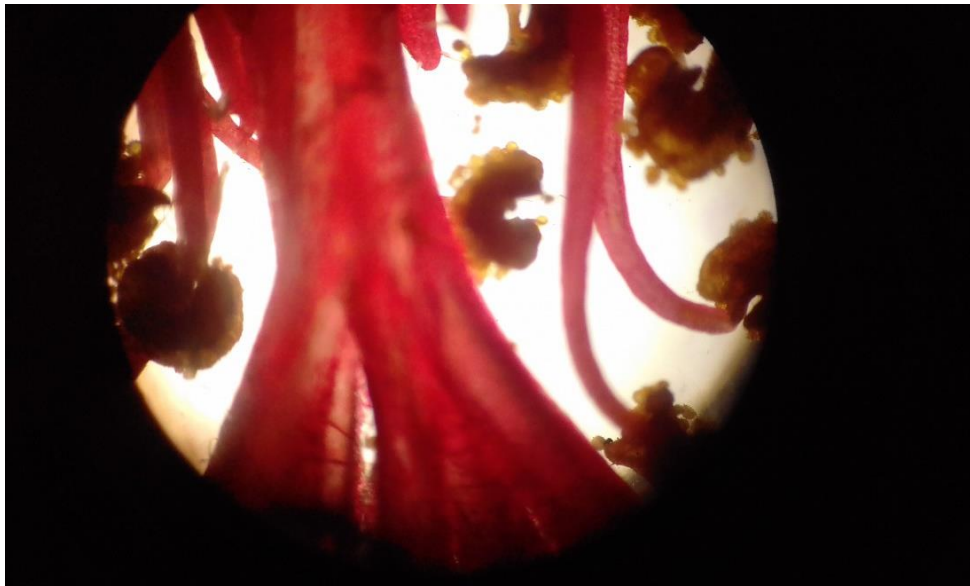
Fonte: acervo pessoal. Foto: Micellyna Lima

**Figura 17** – Visão microscópica de uma parte da flor Moreia (ou Íris Africana)



Fonte: acervo pessoal. Foto: Micellyna Lima

**Figura 18** – Visão microscópica de uma parte (estames) da Flor Hibisco.



Fonte: arquivo pessoal. Foto: Micellyna Lima

Um detalhe importante sobre as imagens microscópicas acima compartilhadas: elas foram vistas apenas pelas crianças do primeiro período C, pois sua visita foi feita em dia diferente das demais turmas, devido à demanda de atendimento do professor Paulo Henrique, responsável pelo laboratório. As outras turmas tiveram visões microscópicas diferentes<sup>5</sup>, as flores Crepe do Japão e Moreia da figura 16 e 17), foram as únicas que se repetiram e ainda assim, com uma visão distinta devido à variação, posição da lente e do recorte da flor.

Durante as observações no laboratório, fui fazendo a mediação e pedindo para que me contassem sobre o que viam, eles então me respondiam e sempre assimilavam à algo conhecido por eles. Foram percepções muitas vezes engraçadas e divertidas como: “parece uma garagem e o rastro de um pneu”, “parece uma tesoura”, “tem pelinhos”, “parece pintura”, “parece uma abelha”, “parece lava de vulcão ” (figura 15). Além dessas identificações, a manifestação de surpresa e encanto como “que top”, “uau” e “caraca” foram significativamente constante entre eles.

Ainda sobre os registros fotográficos dos alunos no laboratório, há um detalhe interessante e que se repete praticamente em todas as fotos, que é a observação da

<sup>5</sup> As outras turmas observaram parte das flores: Azaleia, Íris da praia (ou flor dos apóstolos), Crepe do Japão e Moreia. As turmas do 1º período C em análise, observaram parte das flores: Ipê- Mirim, Hibisco, Crepe do Japão e Moreia.

criança sobre o outro, é o seu olhar lançado sobre o colega na prática do ver. Um olhar curioso e atento debruçado sobre a bancada vendo o que acontece, olhar que movimenta inclusive o corpo. Na figura 10, reparem as três crianças que ficaram na ponta dos pés, na tentativa de enxergarem o professor e também de serem vistas por ele. Nas figuras 11, 12, 13 e 14 algumas crianças sentam na bancada, outras se abaixam e se inclinam para ver o que acontece ali à sua frente, é o sensível olhar-pensante pensando e se movimentando em busca de saciar a sua necessidade do ver.

Depois de apreciar as imagens microscópicas, voltamos para sala de aula e conversamos sobre o que vimos no laboratório.

A próxima etapa deste trabalho foi o terceiro desenho elaborado na aula posterior à visita, porém antes de iniciá-lo, fizemos sensibilização tátil com uma flor chamada “escova-de-garrafa”, encontrada na entrada da escola. A escolha por essa flor se deu justamente por fazer parte do contexto deles e também porque os “fiozinhos” vermelhos que compõem suas “pétalas” além de terem uma textura interessante ao toque, me serviria para mostrar que temos formas variadas de flores e que não são apenas redondas como geralmente as crianças (e adultos) costumam desenhar. E fui passando a flor nos braços e mãos de cada aluno, de mesa em mesa para sentirem a textura e juntos observá-la. Após essa sensibilização tátil, entreguei folhas no tamanho A3 e lápis para que fizessem o terceiro desenho de flores e toda minha mediação foi baseada na memória. Assim, fui recordando juntamente com os alunos todas as imagens que eles tinham visto até ali, desde as fotografias de flores com a formiga e o beija-flor, até as imagens microscópicas e a flor-de-garrafa vista nesse mesmo dia.

E fui mediando sobre o que havíamos visto, sobre os detalhes, sobre a questão formal e o tamanho da flor na fotografia e no microscópio bem como o tamanho do desenho no papel, procurando por uma melhor composição e ocupação do espaço em branco.

Apenas uma ressalva: quando peço para observarem e desenharem o que viram na natureza é pensando em ampliar seu repertório imagético, apresentando novas soluções e novas possibilidades no traço gráfico, não há uma preocupação com o desenho realista mas sim de sensibilizar a criança a fim de criar novos modos de figurar o que se conhece, quebrando até mesmo estereótipos.

Sobre a importância do desenho infantil baseado no contexto em que vive podemos afirmar que:

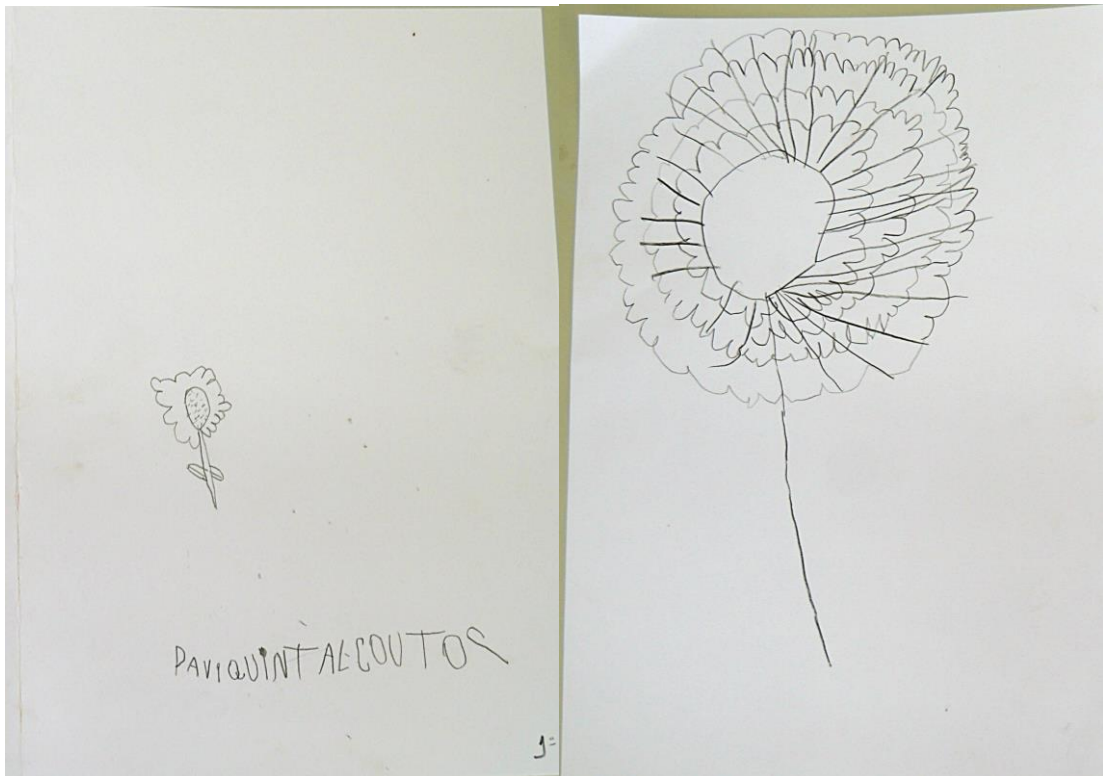
O desenho que a criança desenvolve no contexto da escola é um produto de sua atividade mental e reflete sua cultura e seu desenvolvimento intelectual. Porém, reafirmamos, isso não acontece de forma mecânica. O desenho é um processo complexo que envolve imaginação, realidade cotidiana, figuração, e tem como mediação a palavra... (FERREIRA; SILVA, 2004, p. 151)

Esse desenvolvimento do desenho da criança, como vimos não acontece de forma mecânica, há um conjunto de fatores que contribuem para o tal, e quanto mais constante forem essas práticas, melhor será o progresso do aluno.

Para analisarmos e discutirmos sobre a problemática lançada inicialmente, compartilho o desenho de cada etapa dessa atividade baseada na leitura de imagens fotográficas e microscópicas com tema da natureza e mais especificamente as flores.

Para uma seleção mais justa e numa tentativa de não deixar meu olhar se contaminar pelas minhas preferências, todos os desenhos da turma foram virados para baixo sobre uma bancada e com o olhar fito na janela, aleatoriamente fui sorteando os desenhos de quem eu analisaria, assim se deu a escolha. Para apresentação, escolho colocar os trabalhos dos alunos com seus respectivos nomes em ordem alfabética.

**Figura 19** - Respectivamente da esquerda para a direita, o 1º e 2º desenho de flor do aluno Davi.



Fonte: fotografia pertence ao acervo pessoal e o desenho original ao aluno.

Na figura 19, a segunda flor desenhada por Davi surge em tamanho ampliado, com mais camadas de pétalas e bastante linhas sobre elas, aliás o elemento linha foi rapidamente reconhecido por eles, pois já havíamos trabalhado com elas anteriormente. No terceiro desenho na figura 20, tirando a cor e analisando apenas o grafismo, podemos notar quantas formas diferentes Davi coloca em seu desenho. Se repararmos veremos flores redondas, cilíndricas, algumas com formas orgânicas e outras pontiagudas. A linha se faz presente em praticamente todas elas.

**Figura 20** – 3º desenho de flor do aluno Davi .



Fonte: fotografia pertence ao acervo pessoal e o desenho original ao aluno.

Ao olhar para o primeiro desenho da figura 21, percebemos o vestígio de uma flor apagada atrás da que está concluída. No momento em sala, não perguntei para o Gabriel o motivo dele ter apagado a primeira flor para construir uma menor, mas analisando o desenho, esse detalhe me inquietou. Não é minha intenção encontrar uma resposta ou um significado, até porque tais julgamentos não competem ao meu objetivo, mas fiquei refletindo sobre uma possível timidez no traço gráfico que pode vir a ser desenvolvido. No segundo desenho desse aluno, ele faz a flor maior do que a primeira, porém quase da mesma proporção da que foi apagada, ela tem mais voltas que formam as pétalas, e suas folhas estão desacompanhadas dos galinhos. No terceiro desenho, além da quantidade de flores que ocupa todo o espaço da folha, o tamanho das flores é maior que as duas primeiras e aparece um novo elemento que é o “miolo” da flor. Algumas percepções sobre esse elemento durante a leitura de imagem da fotografia, foi de que parecia com um “olho” ou um “buraco” e diante da observação desse detalhe, o “miolo” é um elemento que surgiu com frequência no segundo e terceiro desenho das crianças de todas as salas, ora em forma circular, ora com outros detalhes ou em tamanho maior



do que o desenhado anteriormente, chegando em alguns desenhos a sobressair em relação às pétalas.

**Figura 21-** Respectivamente da esquerda para direita, o 1º e o 2º desenho de flor do aluno Gabriel.



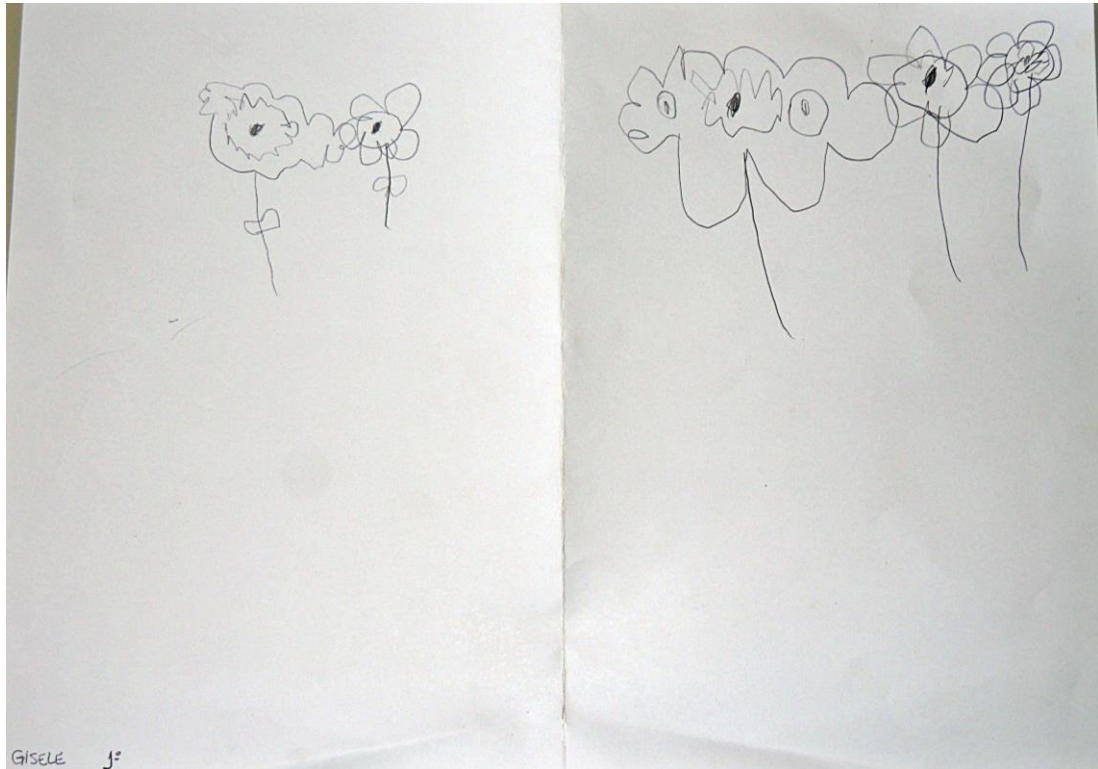
Fonte: fotografia pertence ao acervo pessoal e o desenho original ao aluno.

**Figura 22 –** 3º desenho de flor do aluno Gabriel



Fonte: fotografia pertence ao acervo pessoal e o desenho original ao aluno.

**Figura 23** – Respectivamente da esquerda para a direita, o 1º e 2º desenho de flor da aluna Gisele



Fonte: fotografia pertence ao acervo pessoal e o desenho original ao aluno.

O desenho da aluna Gisele, das figuras 23 e 24, tiveram uma transformação em relação ao tamanho e ao miolo que embora coberto pelo lápis de cor, apresenta uma forma quase que espiral. Além do traço gráfico, Gisele me presenteou com uma fala que registrei atrás do seu desenho para que pudesse ser lembrada. Ela coloriu com lápis de cor amarelo (ver detalhe na figura 25) a região acima das quatro flores menores que se encontram entre duas grandes do lado direito do desenho e me disse: “Esse amarelo aqui é sol batendo nas florzinha”. Nós havíamos visto sobre a luz do sol incidindo nas pétalas das flores quando fizemos leitura de imagem das fotografias. O sol que nós não víamos no céu, mas que podíamos notá-lo pela presença da luz sobre a flor. Essa devolutiva foi muito significativa, me mostrando que vale a pena apresentar por meio da Arte e das imagens, as sutilezas do mundo à esses olhares-pensantes da criança.

**Figura 24** – 3º desenho de flor da aluna Gisele.



Fonte: fotografia pertence ao acervo pessoal e o desenho original à aluna.

**Figura 25** – Detalhe do 3º desenho da aluna Gisele, no qual os “raios de sol” são representados pelo colorido amarelo acima das flores.



Fonte: acervo pessoal.

Em seguida temos os desenhos da aluna Maisa. Na figura 26, cuja ordem dos desenhos está invertida, tendo o primeiro desenho ficado do lado direito, podemos observar que neste primeiro momento, suas flores aparecem em forma de colunas de linhas emaranhadas. No segundo desenho flores aparecem com características agora mais definidas, surgem no topo do caule e quase invadem a primeira parte do desenho. No terceiro desenho da aluna Maisa, além do círculo que aparece no centro da flor, temos a presença do sol representado no canto superior esquerdo. Surge também um novo elemento em forma semicircular, que compõe o entorno das flores. Depois de olhar várias vezes para o desenho, essa “meia lua” da composição me remeteu à visão circular que temos no microscópio. Não posso afirmar se foi o pretendido por ela, mas foi minha percepção.

**Figura 26** – Respectivamente da esquerda para direita, 2° e 1° desenho de flor da aluna Maisa



Fonte: fotografia pertence ao acervo pessoal e o desenho original à aluna.

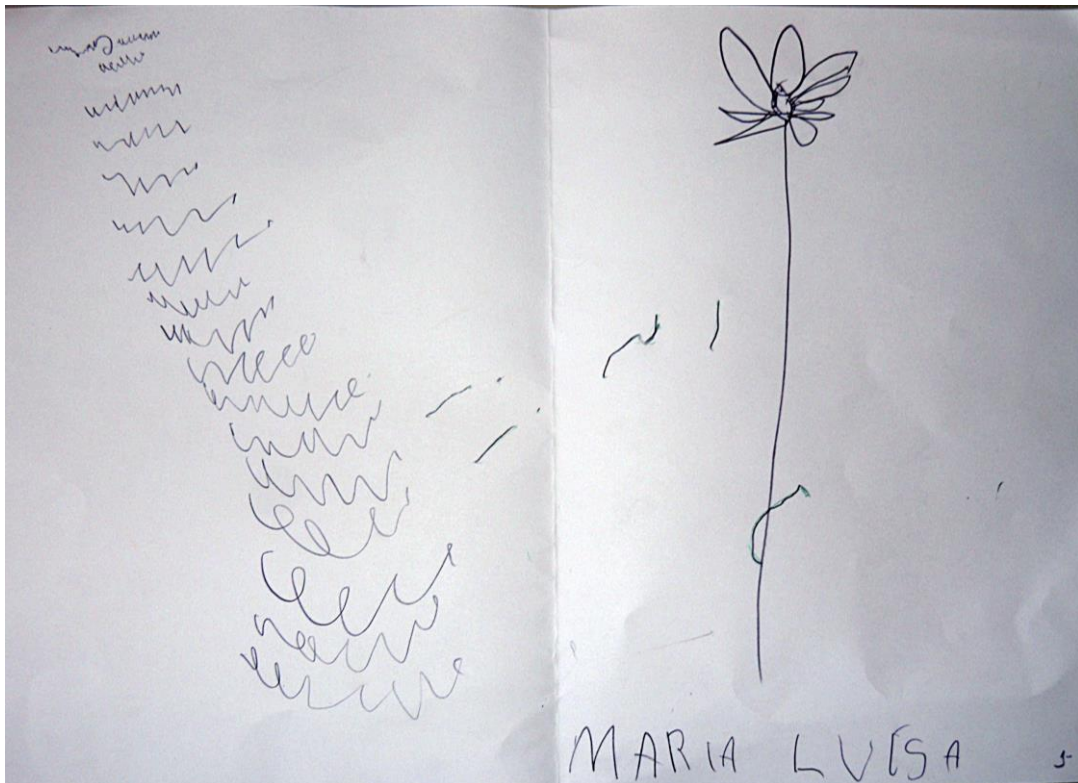
**Figura 27** – 3º desenho de flor da aluna Maisa.



Fonte: fotografia pertence ao acervo pessoal e o desenho original à aluna.

Nos desenhos da aluna Maria Luisa (figuras 28, 29 e 30) vi uma transformação quanto à composição figura e fundo. O centro da flor também aparece consideravelmente maior em relação ao primeiro desenho e vem acompanhado de “carinhas felizes”. Durante a aula eu perguntei à ela, se nas flores que tínhamos visto, bem como as que ela conhecia de outros lugares haviam essas “carinhas” e ela me disse que não. No terceiro desenho, esse centro da flor aparece representado em tamanho maior e sem apresentação de “rostinhos”. Compôs um cenário para a flor, ao fundo aparece elementos como céu, sol, grama, a presença de figuras humanas, uma casa e representação de corações.

**Figura 28** – 1º desenho de flor da aluna Maria Luisa (este desenho, diferente dos outros que estão lado a lado, foi feito frente e verso. )



Fonte: fotografia pertence ao acervo pessoal e o desenho original à aluna.

**Figura 29** – 2º desenho de flor da aluna Maria Luisa.



Fonte: fotografia pertence ao acervo pessoal e o desenho original à aluna.

**Figura 30** – 3º desenho de flor da aluna Maria Luisa.



Fonte: fotografia pertence ao acervo pessoal e o desenho original à aluna.

Ao finalizar este trabalho, com todas as turmas eu pude perceber um salto qualitativo nos desenhos das crianças. Tanto na questão formal, quanto na composição e espaço trabalhado na folha. Ao analisar os desenhos destes cinco alunos, percebemos que do primeiro desenho (concebido sem nenhuma mediação prévia) para o segundo desenho (após leitura de imagem baseada nas duas fotografias), surgem novos elementos, que são ainda mais desenvolvidos no terceiro desenho feito após a visita no laboratório e a apreciação e percepção tátil da flor “escova-de-garrafa”.

Este trabalho, apresenta um esquema inicial que vai sendo potencializado no decorrer das etapas pelas crianças, nos revelando que esse olhar atento, curioso e também pensante, está em constante movimento e crescimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS:

*“- O clips é uma linha! ”*

Essa foi a conclusão do Caio de cinco anos ao reparar um clips no chão após nossa aula de Linhas ao ar livre e é também a minha enquanto reflito neste trabalho.

Percebi que a “linha do clips” havia enlaçado o olhar dessa criança e que agora a linha procurada e percebida no jardim do colégio estava lá, em forma de conhecimento.

Um clips sob o olhar de um menino me mostrou juntamente a todo o processo investigativo e de experimentação, quão importante é o papel do educador e quão rico são as trocas que acontecem em sala de aula.

Um clips - peça pequena que tem seu apreço na funcionalidade de juntar e unir o que estava separado.

Uma criança - ah! uma criança.... Universo pleno de beleza.

Assim também é a educação, é preciso um conjunto, uma união entre a responsabilidade e o dispor, a sensibilidade e a criatividade, o ouvir e o mediar, o ensinar e o aprender.

Com o trabalho apresentado no capítulo três, percebi que com a leitura de imagens das fotografias e imagens microscópicas, somadas à realidade cotidiana e imaginação, bem como a mediação que foi direcionando o sensível olhar-pensante das crianças, o crescimento delas se mostrou não apenas gráfico, mas intelectual e sensível também. Porém, não basta um único trabalho, essa prática deve acontecer em uma constância. É como Cézanne e Monet citados no início deste trabalho, suas observações diárias e constantes, juntamente com a imaginação, os levaram à perseguir suas ideias, usando a pintura como suporte de suas expressões e modo único de ver a vida.

Conclui-se portanto, que se faz necessário descobrir as necessidades e interesses das crianças, atentando ao seu desenvolvimento intelectual e cultural. E concomitante à essa descoberta, que eu, na condição docente, e toda professora (or), esteja atenta também às (minhas) fragilidades, empenhando-me em (re)pensar tanto na elaboração das aulas, quanto junto às crianças, durante as mediações e apresentações dentro e fora de sala. Ter sempre a consciência de que a pesquisa e a reflexão devem ser uma constante no meu processo de ser professora e que não apenas devemos “nos munir de informações, mas também saber usá-las ofertando-



as adequadamente, com generosidade e humor, no jogo lúdico de descobertas e desvelamentos” (MARTINS, 2012. p. 20).

E diante de todas as colocações e experimentações que atravessaram Arte, Infância e Natureza, concluo que é possível sim, contribuir para a constituição do olhar-pensante da criança com estratégias no ensino que abasteçam seus sentidos promovendo encontros sensíveis em suas experiências.

E ademais destas considerações, dou a mão à menina que nunca deixou de existir em mim e te convido, juntamente com ela a contemplar e sentir esse mundo em forma de verso.

Vem...

Brincar com os pés no chão,  
 Olhar nuvens de algodão.  
 Saciar a sede na bica d'água  
 Cantarolar com a passarada.  
 Descobrir um mundo de cores,  
 Sentir o perfume das flores e  
 Acertar o bem-me-quer.  
 Tomar banho de chuva,  
 Admirar estrelas e lua  
 Distrair-me com esse céu.  
 Subir nos galhos altos da copa,  
 (Só tenho medo do cavalo que galopa)  
 Esperar um ralado cicatrizar.  
 Abraçar minha família,  
 Correr com os animais,  
 Desejando-os sempre mais.  
 Agora vou encerrando  
 Porque o verso tá acabando  
 E as belezas da vida eu vou curtir.  
 Só peço por favor, que não me deixe ir  
 Enquanto o bem-te-vi não aparecer,  
 Porque eu preciso dele,  
 E de tudo isso pra viver.  
 (Micellyna Lima, 2018)

## REFERÊNCIAS

ALANA, Instituto. **Transtorno do déficit de natureza: o que é isso?** 2017. (4m06s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UBa06WUZ7a4>. Acessado em: Outubro de 2018.

BUORO, Anamelia Bueno. **Olhos que pintam: a leitura da imagem e o ensino da arte**. São Paulo: Educ / Fapesp / Cortez, 2002.

COUTINHO, Rejane Galvão. Estratégias de Mediação e Abordagem Triangular. In: BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos; COUTINHO, Rejane Galvão (Orgs). **Arte/Educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Editora Unesp, 2009. PDF. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=vE-JKyNSi4oC&oi=fnd&pg=PA7&dq=abordagem+triangular+arte&ots=c7UjdN5C3d&sig=LXZB89ydqAMjPkdl2m8V\\_HYO\\_0E#v=onepage&q=abordagem%20triangular%20arte&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=vE-JKyNSi4oC&oi=fnd&pg=PA7&dq=abordagem+triangular+arte&ots=c7UjdN5C3d&sig=LXZB89ydqAMjPkdl2m8V_HYO_0E#v=onepage&q=abordagem%20triangular%20arte&f=false). Acessado em: de dezembro de 2018.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **MiniAurélio - Dicionário da Língua Portuguesa**. 6ª ed. Revista e atualizada. Curitiba: Positivo, 2004.

FERREIRA, Sueli; SILVA, Silvia Maria Cintra. “Faz o chão pra ela não ficar voando”: O desenho na sala de aula. In: FERREIRA, Sueli (Org.) **O ensino das artes: construindo caminhos**. 3ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2004.

FRANGE, Lucimar Bello Pereira. **Por que se esconde a violeta**. São Paulo: Annablume, 1995.

GIRARDELLO, Gilka. **Imaginação: arte e ciência na infância**. Pro-Posições, v. 22, n. 2, p. 75-92, 2011.

HARA, P. F. M ; PINTO, V.P.S. **Educação Ambiental e natureza nos espaços de Educação Infantil**. Grupo Espaço Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, MG: 2009. PDF. Disponível em: [http://www.ufjf.br/espacoeducacao/files/2009/11/cc01\\_2.pdf](http://www.ufjf.br/espacoeducacao/files/2009/11/cc01_2.pdf)

LOPES, Ana Elisabete. Foto-grafias: As Artes Plásticas no contexto da escola especial. In: KRAMER, Sônia; LEITE, Maria Isabel (Orgs.). **Infância e Produção Cultural**. Campinas, SP: Papyrus, 2003. 3ª edição.

LUNA, Wanet; BISCA, Joyce. Fazendo Artes com a Natureza. In: NICOLAU, Marieta Lúcia Machado; DIAS, Marina Célia Moraes (Orgs.). **Oficinas de sonho e realidade na formação do educador da infância**. 2ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

MARTINS, Mirian Celeste. **Aprendiz da Arte: Trilhas do sensível olhar-pensante**. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1992. PDF

MARTINS, Mirian Celeste. PICOSQUE, Gisa. GUERRA, M. Terezinha Telles. **Didática do ensino de arte: A língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte**. São Paulo: FTD, 1998.

MARTINS, Mirian Celeste. PICOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. 2ª ed. São Paulo: Intermeios, 2012.

OLIVEIRA, Fernando Porfírio Soares. **O Projeto de Pesquisa Intervenção Pesquisa de Intervenção: Aspectos e considerações sobre sua natureza e formas de Trabalho de Conclusão Final no PROFIAP**. [2017?]. PDF. Disponível em:

[https://ppgprofiap.ufersa.edu.br/wpcontent/uploads/sites/120/2016/12/TFC\\_UFERSA\\_Projeto-de-Pesquisa-Interven%C3%A7%C3%A3o.pdf](https://ppgprofiap.ufersa.edu.br/wpcontent/uploads/sites/120/2016/12/TFC_UFERSA_Projeto-de-Pesquisa-Interven%C3%A7%C3%A3o.pdf)

STRICKLAND, Carol. **Arte Comentada: da Pré-História ao Pós Moderno**. Tradução Angela Lobo de Andrade. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Imaginação e Criatividade na Infância. Ensaio de Psicologia**. Tradução de João Pedro Fróis. 1ª ed. Portugal, Lisboa: Dinalivro, 2012. PDF

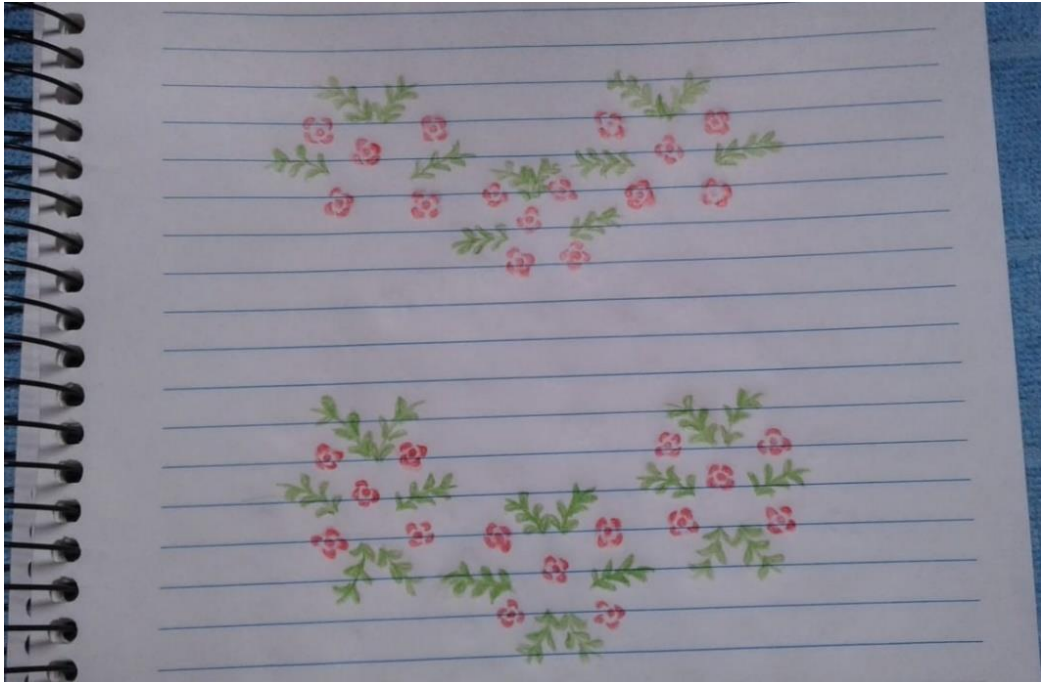
## ANEXOS

**Anexo A:** Desenho sobre ovo, feito por minha mãe.



Fonte: acervo pessoal. Foto: Maria B. de Lima, 2018.

**Anexo B:** Flores de quatro pétalas, desenhada por minha mãe.



Fonte: acervo pessoal. Foto: Maria B. de Lima, 2018.

**Anexo C** - Alunos do primeiro período da escola Carmelita encontrando uma aranha de papel no jardim da escola.



Fonte: arquivo pessoal. Foto: Micellyna Lima

**Anexo D** - Aranhas feitas por mim para serem escondidas no jardim da escola EMEI Carmelita Vieira dos Santos.



Fonte: arquivo pessoal. Foto Micellyna Lima